

Cinema de Arte

promoção

organização

direção

do

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



20 - Novembro -1965

" OS DIAS SÃO NUMERADOS "

(" I Giorni Contati ")

FICHA TÉCNICA

Realização — Elio Petri

Argumento e roteiro — Elio Petri

Interpretação — Salvo Randone, Paolo Ferrari, Vittorio Caprioli

Produção — Titanus, 1962

Elio Petri é o cineasta que realiza a síntese mais perfeita entre o cinema em liberdade e o cinema engajado na realidade — assim escreveu Jacques Joly.

Esse romano da nova geração cinematográfica conquistou tal prestígio com apenas duas longas metragens: «O assassino» e «Os dias são numerados». Antes, até os seus trinta e dois anos, fizera estudos técnicos que abandonou pela política, quando no plebiscito «Monarquia ou República?» participou ativamente dos movimentos de esquerda. Daí passou, entre 1949 e 1951, a uma crítica cinematográfica avançada no diário «L'unitá», afinal ingressando nos estúdios como argumentista de Giuseppe de Santis, Carlo Lizzani e outros, assistente daquele realizador de «Roma às onze horas», por fim diretor de algumas curtas-metragens (entre elas «I sette contadini», de largo conceito).

«O assassino» era, em 1961, o retrato de um jovem elegante que, sem ter cometido o crime de que o inculpavam, se via envolvido pela organização policial de um Estado autoritário. Tratava-se de uma análise crítica dos métodos da polícia e da vida burguesa, mas igualmente de uma pesquisa da verdade social e humana do personagem, contada com uma extrema liberdade de linguagem. Inicialmente, a observação de um meio preciso. Em seguida, a introdução do homem preciso nesse meio preciso. Por fim, o olho crítico do cineasta que recolhia a verdade das relações homem-meio segundo uma óptica pessoal e reunia verdades parciais num todo a um só tempo crítico e poético. (Jacques Joly, «Un nouveau réalisme», in «Cahiers du cinéma», n. 131).

Ainda mais exemplar das tendências do novo realismo, «Os dias são numerados» toma como personagem um homem maduro e como tema sua obsessão da morte. Seguindo um estilo muito próximo do «cinema-verdade» reinventado pelos franceses, Elio Petri recusa aqui tôlas as limitações narrativas, psicológicas e romanescas, trabalhando uma nova espécie de crônica social, em que ficam incessantemente opostos o personagem e a ambiência, o ator e a cenografia. O meio é o mundo de um romano de condições modestas, os locais de sua existência e suas amizades. O homem é um cinquentão que traz consigo a bondade e um certo esquerdismo ingênuo. O sentimento da morte se coloca entre eles e causa toda uma revolução na conduta do personagem. Uma câmara inquieta, de hábil mobilidade, acompanha sempre aquele homem simples, explorando sua máscara e seus gestos, num itinerário constante e insatisfeito. O filme talvez lembre um tanto, pelo contexto dramático da solidão abatida sobre um homem cansado, o «Umberto D» de Vittorio de Sica. Mas, na obra de De Sica, admirável de humanismo, o personagem terminava pela emoção identificando-se com o espectador. Em «Os dias são numerados», a identificação não se opera, assistimos de fora a crise do personagem, para, afinal, o deixarmos, paradoxalmente, impregnados por seu sentimento obsessivo da morte. Petri não nos chama para den-

tro do filme: nos dá a ver a realidade. Nem por isso, entretanto, sua posição é menos humanista. Apenas se faz mais socializante do que a de De Sica.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

«A grande ilusão», de Jean Renoir

«A trapaça», de Federico Fellini

«Aquele que deve morrer», de Jules Dassin

«Guerra e Humanidade», de Masaki Kobayashi

«Por causa de uma mulher», de Michel Dreville